

## Juventude e televisão: a recepção do noticiário televisivo *Jornal Nacional* entre jovens universitários brasileiros

Isabel Siqueira Travancas<sup>1</sup>

**Resumo:** Análise da recepção do jornalismo produzido pela televisão brasileira entre jovens universitários da cidade do Rio de Janeiro no início do século XXI. Para tal, foi escolhido o noticiário *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão. Juntamente com as novelas, ele é o carro-chefe deste canal, contando com uma audiência de cerca de 40 milhões de telespectadores (uma das maiores audiências da televisão brasileira). Discute-se desde as formas de assisti-lo – em casa ou em outros locais, sozinhos ou com amigos e/ou família, realizando simultaneamente outras atividades ou parando suas tarefas – até como os jovens interpretam as notícias apresentadas no programa. Consideram-se emissões do noticiário no período de maio a setembro de 2004, com cerca de 20 jovens.

**Palavras-chave:** televisão; jornalismo; juventude

**Abstract:** Analysis of the reception of journalism produced by Brazilian television networks among university students in Rio de Janeiro in the early XXI century. *Jornal Nacional*, a news program produced by Rede Globo was chosen to be studied. Together with soap operas, this is the main program in the network, with around 40 million viewers, one of the greatest in Brazilian television. Discussion on the ways people watch it: at home or elsewhere, alone or with others, doing things or concentrating entirely in it. The editions of the news program were studied in the period between May and September 2004 with about 20 youngsters.

**Keywords:** television; journalism; youth

Estudar a recepção do telejornal de maior audiência no Brasil entre jovens universitários foi o objetivo principal deste trabalho. Trata-se do *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão, campeão de audiência e principal fonte de informação de uma enorme parcela da população brasileira. Isso porque o país é considerado pouco letrado, com uma parcela grande da população semi-alfabetizada e com pouca familiaridade com a imprensa escrita e com os livros.

---

<sup>1</sup> Professora (Escola de Comunicação / UFRJ).

Como professora universitária, eu tinha enorme interesse em saber em que medida este telejornal era uma referência importante para os jovens estudantes e se para a maioria deles era considerado ou não uma fonte privilegiada de informação. Pareceu-me portanto relevante, em um primeiro momento, investigar se estes jovens eram telespectadores do Jornal Nacional e, em um segundo momento, assistir ao programa com eles, percebendo seus modos de ver televisão de uma maneira geral e o telejornal em especial, procurando ainda discutir com eles o lugar da televisão em suas vidas, em suas casas e qual a leitura que faziam das notícias apresentadas no jornal das oito da noite.

Para isso decidi trabalhar com alguns cursos específicos. Selecionei estudantes de quatro cursos – Comunicação Social, Pedagogia, Medicina e Serviço Social – de universidades públicas e privadas da cidade do Rio de Janeiro. Não estabeleci uma faixa etária para a pesquisa *a priori*, mas decidi trabalhar com jovens que estivessem no meio do curso, nem no início, nem já se formando. Queria um grupo que vivenciasse de forma mais intensa a experiência universitária; que já estivesse inserido nas suas faculdades, já habituado às suas particularidades e exigências.

Os cursos de Medicina e Comunicação Social foram escolhidos por estarem entre as carreiras mais disputadas no vestibular, com uma relação candidato-vaga muito alta, o que implica numa enorme concorrência para obtenção de uma vaga em uma universidade pública. Além disso, elas possibilitavam pensar que lidaria com uma elite universitária e me interessava indagar qual a sua relação com a informação e através de quais veículos ela era obtida. Serviço Social e Pedagogia, ao contrário, são cursos de menor prestígio e reúnem muitas vezes alunos oriundos de pré-vestibulares para negros e carentes e jovens que não conseguiram entrar nos cursos que desejavam. Estes dois cursos são pensados muitas vezes como uma segunda opção ou última alternativa para entrar na universidade. Descobrir qual a dimensão da televisão em suas vidas, seus programas prediletos e como dialogavam com o Jornal Nacional foram pontos fundamentais para este trabalho.

Para esta pesquisa utilizei diferentes métodos de pesquisa. Em uma primeira etapa elaborei questionários que foram aplicados em 263 jovens. A partir das respostas e resultados deles, formei um grupo de 16 jovens, com os quais efetivamente assisti ao Jornal Nacional em suas casas. As etapas da pesquisa serão explicitadas mais adiante.

### **Brasil e televisão**

A televisão surge no Brasil na década de 1950 e o primeiro canal a ir ao ar é a TV Tupi, pertencente aos Diários Associados do empresário Assis Chateaubriand. Esta começou a funcionar em São Paulo, em 1951, e em seguida no Rio de Janeiro. Mas é na década de 60 que se consolida a presença da

televisão na sociedade brasileira com a entrada de capital estrangeiro nos meios de comunicação, particularmente do grupo Time/Life. Este se associa às empresas Globo e cria a TV Globo, inaugurada em 1965 no Rio de Janeiro com o canal 4. É a partir de 1969, quando a Embratel, Empresa Brasileira de Telecomunicações, implanta uma moderna infra-estrutura de comunicações, que se pode falar em rede de televisão com difusão em todo o país. Naquele momento o Brasil vivia sob o domínio de uma ditadura militar que permaneceu no poder até 1985. Neste período de autoritarismo a Rede Globo de Televisão teve um papel de destaque no projeto de integração nacional, atuando muitas vezes como aliada do governo e estabelecendo com ele uma relação de lealdade.

É dentro deste contexto político que nasce o Jornal Nacional, a 1 de Setembro de 1969, ligando, na fase inicial, poucas cidades, mas tendo como objetivo integrar todo o país através da informação. O jornal está no ar desde então, sem interrupções. A Rede Globo constitui-se hoje na quinta maior televisão do mundo, com cinco emissoras próprias e 112 afiliadas, sendo o único veículo de comunicação presente em todo o território nacional. Ela está nos 27 estados e em 98% dos 5560 municípios brasileiros. O JN é apresentado no horário de maior audiência, chamado “horário nobre”, e exibido entre duas novelas, cujo sucesso no Brasil é enorme.

Segundo dados do IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública – em pesquisas realizadas no período de Janeiro a Junho de 2004, em um universo de 51.855.715 lares em todo o país, numa amostra denominada PNT (Painel Nacional de Televisão), 42% dos domicílios estavam sintonizados no Jornal Nacional às 20 horas. Isso equivale a mais de 20 milhões de residências. Portanto, é possível afirmar que os 43 pontos no IBOPE significam em torno de 35 milhões de espectadores e mais de 60% dos televisores ligados na TV Globo no horário do jornal.

Inspirado nos modelos norte-americanos, o JN buscou criar uma linguagem jornalística própria, distinta da radiofônica, apostando na agilidade e na rapidez das notícias curtas. Desde o começo, o forte do telejornal foi o padrão de qualidade das imagens e reportagens produzidas. Ao longo de seus 35 anos, ele consolidou um estilo específico de redação e apresentação de notícias, se tornando uma referência para o telejornalismo. Seu horário permanece como o espaço de programação de maior prestígio no mercado publicitário, concentrando 57% de toda a publicidade televisiva.

## **Metodologias da pesquisa**

### *I - Os questionários*

A cidade do Rio de Janeiro, conhecida como “Cidade Maravilhosa”, está situada na região sudeste do Brasil e tem hoje mais de cinco milhões de habitantes divididos em cinco grandes áreas e 159 bairros. 20% por cento de sua

população é jovem, estando na faixa de 15 a 24 anos. A cidade não destoa do restante do país, cuja população nesta faixa etária está em torno de 34 milhões (Abramo & Branco, 2004).

Uma pesquisa de recepção, que implica na ida do pesquisador à casa ou local onde o entrevistado assiste o noticiário, tem especificidades. Trata-se de uma “invasão de intimidade”, ainda que consentida pelo entrevistado. Mas como chegar a estes entrevistados, como selecioná-los? Quais deles aceitarão participar?

Pensando nestes percalços, que nos ajudam a entender as características deste tipo de etnografia, decidi elaborar um questionário simples com algumas perguntas fechadas e duas abertas, para ser preenchido em horário de aula nas respectivas universidades. A primeira parte contém dados como idade, curso, faculdade, período, sexo e bairro onde mora o entrevistado, enquanto a segunda está diretamente relacionada à pesquisa, incluindo perguntas sobre televisão, programas que assiste, se vê o Jornal Nacional, com que frequência, se gosta ou não e, por último, se gostaria de participar da pesquisa. Em caso afirmativo, são solicitadas formas de contato, como telefone e/ou email. A partir desta resposta, eu entraria ou não em contato com o entrevistado.

O número de questionários – 264 – não foi definido *a priori*. Na medida em que seriam apenas um instrumento para um contato posterior, não estabeleci números fixos. Procuraria acompanhar a recepção do JN com cerca de 30 jovens, o que logo percebi ser impossível no prazo de um ano de trabalho, uma vez que também considerava importante retornar para ver o jornal mais de uma vez, se não com todos os estudantes, ao menos com alguns. Organizados os questionários, contatei professores dos quatro cursos para marcar a minha visita à turma, na qual apresentaria rapidamente o meu projeto e aplicaria os questionários, sempre durante uma aula. Na maioria das vezes, no final da aula. Estes contatos se deram através de minhas relações pessoais. Procurei colegas e amigos, principalmente da área de ciências sociais, que atuavam nestes cursos. Quando isso não era possível, pedia a outros colegas e amigos que me apresentassem a professores destes cursos, aos quais explicava o projeto e a necessidade de estabelecer contato com os alunos. De modo geral, esse processo se desenrolou de forma tranqüila e os professores se mostraram bastante interessados na pesquisa. Iniciei minhas “visitas” escolhendo as turmas, em geral, de meio do curso. Procurei não aplicar questionários em alunos dos primeiros períodos nem dos últimos. Os primeiros por estarem em fase ainda inicial da faculdade, sem maiores contatos com a profissão, e os últimos por já estarem mais envolvidos com a vida profissional do que com a universitária.

Qual não foi a minha surpresa ao receber os questionários de turmas muitas vezes com 60 ou 70 alunos, e ver que apenas três ou quatro estavam interessados em participar. Por causa disso fui obrigada a ampliar o meu leque de faculdades e turmas, totalizando 264 questionários. Assim obtive 43 respostas

afirmativas. Desses estudantes, 15 desistiram, não puderam ou desmarcaram e 12 não retornaram e-mails e telefonemas. Portanto, participaram da etnografia de recepção 16 estudantes universitários. Mais adiante tratarei dela e do grupo mais detalhadamente.

A meu ver, o primeiro ponto a ser ressaltado em relação aos questionários é o fato de eles terem passado de mero instrumento de acesso ao grupo pesquisado a importante fonte de informação. Durante minha formação universitária aprendi a ver com certo desdém os dados quantitativos. Estatística, questionários aplicados em grupos grandes, questões fechadas e de múltipla escolha não faziam parte do universo do trabalho de campo do antropólogo. Seu trabalho se caracteriza por ser uma pesquisa qualitativa, com contato direto com os “nativos”, com observação participante dentro da noção clássica de trabalho de campo e etnografia. Ao me deparar com os dados oriundos dos questionários, senti necessidade de analisá-los e entendê-los sob outra perspectiva e como parte da própria pesquisa; certamente não a mais importante, mas nem por isso devendo ser desqualificada. Para tal fiz uma pequena análise das respostas sobre televisão e sobre o Jornal Nacional

Através dos questionários ficou claro que mais da metade dos jovens que participaram desta fase da pesquisa vêem televisão todos os dias, sendo que a grande maioria prefere os programas jornalísticos e as novelas. E o mais importante: a grande maioria assiste ao Jornal Nacional, quase a metade com bastante frequência. Além disso, um número expressivo declara gostar do jornal. Estes dados já me ajudavam a construir um esboço das primeiras relações destes estudantes com a televisão.

Após a leitura dos questionários transformei em categorias – sete positivas e sete negativas – as qualidades e defeitos que os entrevistados apontavam no Jornal Nacional. Estas categorias foram definidas em termos quantitativos, a primeira foi a mais presente nas respostas. As categorias positivas foram: informativo, com notícias do Brasil e do mundo, atual, variado, claro, completo e outros; as negativas: tendencioso, superficial, manipulador, sem reflexão, parcial, fragmentado e outros. É necessário comentar que as duas categorias aparecem na maior parte das respostas. Ou seja, mesmo os que elogiam o jornal têm críticas a fazer e vice-versa. Também classifiquei os programas televisivos mencionados em categorias de gênero: jornalístico, novelas, filmes, programas de entrevistas, documentários, programas esportivos e outros, para facilitar a compreensão dos dados. A partir daí os questionários foram entregues a um estatístico, que processou-os e devolveu-os em forma de tabelas.

Não sendo esta amostra probabilística, não seria possível generalizar seus resultados para toda a população universitária do Rio de Janeiro. Embora sabendo desde o início que esta pesquisa tem um caráter exploratório, não permitindo conclusões definitivas, creio que ela me possibilitou avançar no

conhecimento sobre os jovens universitários cariocas e sobre as relações destes jovens com a televisão.

São estes os principais dados dos 264 universitários sobre televisão: 59,9% vêm todos os dias; 21,7% com frequência; 14,4% eventualmente e 4,9% raramente. Sobre os programas que costumam e gostam de assistir na TV, 76,8% escolheram os programas jornalísticos, 47,1% as novelas; 36,5% os filmes; 24% os programas de entrevistas; 15,2% os documentários, 10,6% os programas esportivos e 65,4% outros programas. A grande maioria indicou mais de um gênero em sua resposta.

Em relação ao Jornal Nacional 95,1% afirmaram que assistem ao jornal e apenas 4,9% não. Dos estudantes que responderam afirmativamente, 13,6% declararam que vêm o JN todos os dias, 47,2% com frequência, 26,4% eventualmente e 12,8% raramente. Dos estudantes pesquisados, 67,3% disseram que gostam do jornal, 25,5% não gostam e 7,2% não sabem ou não quiseram responder. Entre as categorias positivas e negativas as mais presentes foram: informativo, respondido por 33,5%; com notícias do Brasil e do mundo, por 12,5%; tendencioso, por 8,7%; superficial, por 7,2%. Vários alunos enumeraram diversas características em suas respostas.

Estes dados por si mesmos já demonstram a estreita relação entre os estudantes que responderam ao questionário e a televisão. Ela é uma presença no seu dia a dia. O que difere do depoimento do editor-chefe do Jornal Nacional, William Bonner, ao comentar que a faixa etária dos entrevistados é a que o noticiário menos atinge.

### **Etnografia da audiência**

O grupo entrevistado em suas casas é formado por 16 jovens que estudam no Rio de Janeiro, mas nem todos são cariocas. No grupo há cinco homens e 11 mulheres. Residem em 13 bairros distintos, seis da Zona Sul (região na orla marítima com bairros de classe média e média alta), seis da Zona Norte (região mais distante da praia com bairros de classe média e média baixa) e quatro da Zona Oeste (região da periferia da cidade, com bairros mais pobres). Cinco são alunos do curso de Serviço Social, cinco de Comunicação Social, três de Pedagogia e três de Medicina. Dentre os estudantes que participaram da etnografia, dois têm mais de 30 anos e os outros estão na faixa etária de 18 a 22 anos. Decidi incluir na pesquisa estes dois informantes mais velhos porque se mostraram interessados em participar e disponíveis para a recepção do Jornal Nacional. Além disso, seus depoimentos apresentaram muitos aspectos interessantes para analisar a questão do estudante universitário.

O grupo analisado é em muitos aspectos bastante heterogêneo. Estes jovens pertencem a estratos sociais distintos, têm vivências familiar e cultural diversas e situação financeira variada. Os próprios projetos pessoais e



profissionais são bem diversos. Aqui lanço mão da noção de projeto utilizada por Gilberto Velho (1987, 26): não é possível pensar em projeto “puro”, sem referências ao social. A seu ver “os projetos são elaborados e construídos em função de experiências socio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas”. E isso ficou evidente na escuta dos entrevistados. Para vários deles há um projeto profissional que está por trás da entrada na universidade, particularmente no caso dos estudantes de Medicina e Comunicação Social. Para a maioria dos estudantes de Serviço Social e Pedagogia, a entrada na universidade é o “projeto” e a carreira profissional é consequência e não fruto de uma escolha. Para muitos estudantes destes dois cursos, não há uma tradição universitária em suas famílias. Vários são oriundos de famílias de camadas populares onde os pais só completaram o curso primário, em poucos casos o segundo grau ou curso superior.

Dos cinco estudantes do sexo masculino, três fazem o curso de Medicina, um de Comunicação Social e um de Serviço Social. Nos dois últimos cursos eles são exceção, pois o número de mulheres é muito maior. Dos que pretendem se tornar médicos, dois cursam faculdades particulares e o terceiro cursa uma universidade pública. Os dois que seguem carreiras de humanas moram na zona norte do Rio. O aluno do curso de Comunicação estuda em uma faculdade privada e o de Serviço Social cursa uma universidade pública. No caso de Medicina, cursar uma faculdade particular implica um alto poder aquisitivo. Para muitos é a única possibilidade de seguir sua vocação, uma vez que não conseguiram entrar em uma faculdade pública.

Para o estudante de Comunicação a questão do poder aquisitivo não se coloca tanto porque a faculdade que cursa não é tão cara quanto a de Medicina. Foi isto o que lhe permitiu entrar na universidade. Ele nem tentou fazer o vestibular para uma faculdade pública por considerar suas chances muito reduzidas. Só estudou em colégios públicos e não acreditava que a sua formação viabilizasse cursar uma faculdade pública. O estudante de Serviço Social está em uma universidade pública mais por escolha da universidade do que pelo curso em si. Ao ser reprovado no vestibular para a faculdade de Veterinária, percebeu que com a sua pontuação poderia entrar em outra área. E foi o que aconteceu. Se no início esta carreira não lhe interessava – pensou mesmo em desistir –, ao longo dos semestres, em função das disciplinas, dos professores e das leituras, foi “descobrir” a carreira e gostando. Trata-se de um jovem da zona norte, que mora em casa própria. Seus pais têm carro e ele estudou em colégios particulares do seu bairro.

Entre as estudantes do sexo feminino, nenhuma cursa Medicina. As onze fazem cursos da área de Humanas. Das estudantes de Serviço Social, três são de fora do Rio, sendo que duas moram num alojamento estudantil, dividindo o mesmo quarto, a terceira mora em um pensionato e a quarta mora na Penha com os pais. Há diferenças de estrato social entre elas. As residentes no alojamento estudantil são oriundas de camadas mais populares e recebem bolsa; residir no

alojamento lhes possibilitou seguirem o curso. A aluna que mora em um pensionato queria muito sair de sua cidade no interior de Minas Gerais. Os pais acabaram aceitando sua escolha e a sustentam financeiramente. A que mora com os pais é uma aluna oriunda de camadas médias. Seu sonho era seguir a carreira de psicóloga, mas não conseguiu passar no vestibular. O que há em comum é o fato de muitas delas não terem tido desejo de seguir a profissão de Serviço Social. Essa carreira foi conquistando-as no desenrolar do curso.

As três estudantes de Pedagogia estudam na mesma universidade particular. Duas delas, oriundas de pré-vestibulares para negros e carentes, são bolsistas e residem na Cidade de Deus: entrar na universidade significou uma vitória e as tornou uma exceção em suas famílias. A terceira mora no Leblon, zona sul do Rio, estudou em colégios particulares e já viajou para o exterior. Pertence às camadas médias altas e escolheu cursar Pedagogia. Sabe que seu curso, pela facilidade de entrada, não é valorizado.

As quatro alunas de Comunicação Social se dividem em duas universidades, uma privada e outra pública. Fazer comunicação em faculdades privadas permitiu as estas duas jovens ingressar na universidade e seguir o curso que queriam. A aluna que reside em Copacabana é de camadas médias altas, mora com os pais, estuda e trabalha. Começou a trabalhar como vendedora recentemente. A outra mora no Engenho Novo, é de camadas médias, vive com os pais, ele taxista, ela professora. Não trabalha nem faz estágio. As duas estudantes da universidade pública residem em Bangu (zona oeste) e na Tijuca (zona norte) respectivamente; moram com os pais – que têm curso superior – em casa própria e pertencem às camadas médias. Estudaram em colégios particulares de seus bairros, são estudiosas e sempre sonharam ser jornalistas, sendo que uma delas tentou o vestibular para a UFRJ mais de uma vez.

### **Os Filhos da Televisão**

Roger Silverstone (1996), ao analisar a dimensão da televisão na vida cotidiana, comenta que ela nos acompanha desde a hora em que acordamos até quando vamos dormir. A TV hoje é vista como “natural”, mas tivemos que nos habituar a ela, que incorporá-la à nossa vida. Fazendo alusão a Alfred Schutz afirma que “nuestra experiencia de la televisión es como nuestra experiencia del mundo: no esperamos ni imaginamos que pudiera ser significativamente diferente” (Schutz, 1973: 229). E ainda que alguns a definam como um mero eletrodoméstico, Silverstone (1996) afirma, em sentido metafórico, que a televisão se tornou um membro da família nas sociedades complexas modernas.

Neste grupo de estudantes universitários cariocas, todos nasceram depois da televisão. Este dado me parece importante porque ajuda a entender a relação de extrema familiaridade destes indivíduos com o veículo. Este pode ser um interessante ponto de partida para se pensar a “naturalização” do próprio meio.



Essa “naturalização” aponta para uma relação específica com o veículo, uma relação de intimidade. Perspectiva diferente daqueles que viram a entrada em casa do aparelho televisor, acompanharam a escolha do lugar mais adequado para instalá-lo na casa, o significado simbólico da sua posse, e a fascinação pela idéia de um “cinema” em casa. Para estes jovens, parece estranho pensar em uma vida sem televisão. Ela é parte da rotina, da casa, da vida. Ela é sem dúvida alguma mediadora da realidade.

Essa percepção da televisão como parte da vida social ajuda a entender o fato de a maioria destes jovens destacar que via muita televisão, que adorava televisão quando criança. Hoje isto não acontece mais. Para muitos por falta de tempo, para outros por decisão pessoal e para outros ainda por um certo “desencantamento com o mundo televisivo”, especialmente o jornalístico. Vários jovens, porém, acreditam que a televisão continua sendo fonte de prazer, diversão e relaxamento. E dentro desta perspectiva está enquadrado também o Jornal Nacional. Não é apenas a novela que é classificada como entretenimento ou forma de relaxamento da rotina estressante do dia-a-dia. Mas como um jornal que muitos afirmam só mostrar notícia ruim, com muitas matérias negativas, matérias sobre guerra e violência, pode ser um produto relaxante? Haverá algo presente no veículo, na empresa Rede Globo e no próprio Jornal Nacional, que aponta para a permanência, para a manutenção de um certo *status quo* que tranqüiliza quem o assiste. Ele estabelece e reafirma uma barreira. O que está na telinha é o mundo. Em chamadas. Não é o “meu” mundo. Quando desligo o canal, me desligo de tudo aquilo que ele mostrou e respiro aliviado porque aquele é “outro” mundo. Uma idéia parecida com a apresentada pela antropóloga Rosane Prado (1987) ao falar da relação das mulheres da cidade de Cunha com as personagens femininas das novelas. “Mulheres de novela” não são “mulheres de verdade”.

Por outro lado, para Silverstone(1996) os noticiários constituem um ciclo muito bem equilibrado na produção de angústia e calma. O autor ressalta que não é apenas o conteúdo dos jornais que tranqüiliza, mas o seu formato. A maneira como são ordenadas as notícias, os sorrisos dos apresentadores e a última matéria, de “interesse humano”, presente em todos os telejornais do mundo, buscam dar segurança ao telespectador. Isto porque a televisão como um todo funciona como ordenadora da vida social, das rotinas familiares. Para Silverstone

La televisión como provedora de entretenimiento y de información: con sus géneros y narrativas nos estimula y nos perturba, nos da paz y tranquilidad, y nos ofrece dentro de su propio orden una expresión y un fortalecimiento de las temporalidades contenedoras de la contidianidad (Silverstone, 1996:44).

Um outro aspecto presente em alguns trabalhos sobre televisão (Alves, 1981) e que as entrevistas confirmam é a noção do veículo como uma espécie de “relógio social” que organiza as rotinas, destaca os rituais e enfatiza os papéis da vida familiar. São inúmeros os depoimentos que expressam uma organização da

vida cotidiana através dos programas. Se a pessoa chega tarde, “na hora do Jornal Nacional”, se tem tempo livre à noite, “vejo a novela das oito”, “meu pai ia para o trabalho depois do Jornal Nacional”. É como se os programas já significassem a hora; como se ela estivesse implícita e fosse desnecessário dizê-la. No caso do Jornal Nacional é interessante destacar que para a maioria é a hora da chegada em casa. Muitos afirmam que se ficam mais tempo no estágio, ou se atrasam no trânsito, perdem uma parte ou mesmo todo o jornal. E nesse caso, as alternativas são variadas: Jornal da Bandeirantes, da Record, Jornal da Globo ou os jornais da GloboNews para quem tem televisão à cabo.

Uma outra questão que aponta para os papéis sociais e familiares é a decisão acerca do canal e dos programas a serem vistos. A hora do Jornal Nacional “é sagrada” em muitas casas. A televisão principal, em geral na sala, estará ligada nele, mesmo que as pessoas não estejam sentadas assistindo, mas fazendo outras atividades e apenas ouvindo o jornal. Como todas as casas que visitei tinham mais de uma televisão, há também uma maior possibilidade de negociação. A mãe da estudante que “odeia” a TV Globo diz que a filha não pode assistir o jornal na televisão da sala, mas no quarto dela. No pensionato já está determinado que a diretora vai assistir ao jornal junto com as moças. Estes são alguns exemplos dos poderes e papéis expressos na escolha do canal e do programa a ser visto.

A própria percepção da relação dos diferentes gêneros com a televisão vale ser analisada. A maioria dos entrevistados do sexo masculino, ao comentar que gostava de ver novela, enfatizava este fato, ressaltando que não tinha preconceito e que gostava deste produto considerado por muita gente como exclusivamente feminino, à diferença dos telejornais, que seriam destinados ao público masculino (os dados do IBOPE do Jornal Nacional de 2004, porém, não confirmam isto: na pesquisa nacional, ao contrário, 59% do público do telejornal é feminino).

Para o estudioso de televisão David Morley (1996), a questão dos gêneros está ligada à noção de que a televisão, ainda que tenha sido produzida como um veículo de massa, é um meio predominantemente doméstico e em grande medida familiar. Outros pesquisadores também enfatizam a dimensão familiar nas etnografias de audiência, destacando a importância de se analisar a recepção de uma família e não apenas de um indivíduo isolado (embora respeite esta visão, acredito ser possível realizar um trabalho etnográfico com indivíduos em particular, levando em conta o contexto em que vivem, como se dá a sua relação com a televisão e a recepção dentro do ambiente familiar. Para tal, é necessário observar que conflitos estão expressos em seus discursos sobre a TV e seus programas e em que medida a televisão é um elemento de união e troca ou ao contrário fonte de disputas e lutas de poder).

Em sua pesquisa com famílias, Morley (1996) percebeu que não se pode falar em olhar feminino e olhar masculino. Segundo ele, não é possível falar em

uma recepção mais fixa, controladora e constante por parte dos homens, e mais distraída, inconstante e absorvida em outras atividades pelas mulheres. O que se dá, segundo Morley, é muito mais uma expressão do poder masculino. Entre as negociações que ocorrem, o homem têm mais peso na decisão. E muitos fatores contam. Nas famílias que pesquisou, pertencentes às classes trabalhadoras e onde muitas mulheres não trabalham fora de casa, o homem tem maior poder sobre os televisores. A começar pelo controle remoto. Uma mulher chega a afirmar “Nunca tengo la oportunidad de usar el control remoto. Se lo dejo para él. Es irritante porque yo puedo estar mirando un programa, y de repente él cambia de canal para ver el resultado del fútbol” (Morley, 1996:214). Entretanto, se o homem está desempregado e passa boa parte do dia dentro de casa, essa situação muda e ele permite que os outros membros da família vejam o que desejam.

Um outro ponto interessante em relação à pesquisa de Morley diz respeito à atitude em relação à televisão. Suas entrevistas demonstram que os homens sempre pedem às mulheres que “fiquem quietas” para que eles não percam nada. E não compreendem como se pode assistir a um programa e fazer outra coisa ao mesmo tempo. Além disso, poucos homens entrevistados admitem que conversam com seus amigos sobre televisão, ao contrário das mulheres para quem o veículo e seus programas é freqüente assunto de conversa com as amigas. A única exceção ocorre com os programas esportivos.

Por fim, em relação ao estudo de Morley, gostaria de discutir a dimensão das novelas e dos noticiários para os públicos feminino e masculino. Para as entrevistadas de Morley, um dos maiores prazeres é poder ver uma “boa novela” ou a sua série favorita na televisão, principalmente quando a família não está em casa e elas se sentem livres das tarefas domésticas. Ao mesmo tempo, apresentam um discurso que desqualifica esses mesmos programas, criticando-os como mal-interpretados e bobos, o que reforça a perspectiva de seus maridos sobre as escolhas femininas. Os programas escolhidos pelos homens têm mais prestígio: são chamados de “realistas” e incluem os noticiários e os documentários. Eles gostam de ver muitos telejornais, quase a toda hora, enquanto as mulheres só vêem os principais, preferindo os programas de “fantasia” e de ficção. Os maridos desqualificam a maioria dos programas deste gênero afirmando que não são bons. E para eles ver televisão não é uma alternativa preferencial, ao contrário; optam por outras atividades em primeiro lugar.

Alguns destes elementos me ajudaram a pensar sobre jovens universitários e suas características. As distinções entre os estudantes e outros grupos se dão inicialmente em função de um pertencimento à juventude. A recepção mais fluída, menos fixa, muitas vezes sem o indivíduo ficar sentado em frente ao aparelho de televisão, é uma marca da maneira de ver TV dos 16 jovens estudados. Com algumas exceções – particularmente dos dois estudantes mais velhos, que se dedicam a ver o JN de forma mais intensa, sem interrupções, ou pelo menos sem interrupções voluntárias –, quase todos os outros vêem o telejornal realizando outras atividades e, muitas vezes, apenas ouvem o jornal, só

se aproximando da televisão quando a matéria os interessa. Foram inúmeros os casos de entrevistados que diziam “ser estranho ver assim”, sendo que “ver assim” significava ver televisão parado. Alguns chegaram a descobrir novidades em relação ao próprio jornal. Uns elogiaram algumas matérias, afirmando que aquela reportagem era interessante e que em circunstâncias “normais” não a notariam, enquanto outros, ao se verem sentados diante da televisão, se permitiram analisar criticamente cada elemento do jornal, do visual ao texto, das falas às imagens, chamando a atenção para o sentido da própria organização do jornal, o que na maioria das vezes passara despercebido para eles.

Vários estudantes diziam que era muito raro assistirem ao jornal daquela forma: sentados, atentos, sem se movimentarem. Claro que entra em cena nesta estranheza também a minha presença – a presença de uma pesquisadora que vê televisão junto e que vê você ver televisão na sua casa, na sua intimidade –, o que pode ser constrangedor ou intimidador. Muitos pediam desculpas pela bagunça da casa ou do quarto, outros pediam silêncio aos outros membros da casa, principalmente às crianças, e alguns ofereceram salgadinhos e refrigerante. Uma estudante chegou mesmo a preparar um bolo para mim na segunda visita à sua casa.

Alguns dados ficaram muito evidentes nas entrevistas. Televisão é um assunto que estes jovens dominam de alguma forma. Eles têm posição definida sobre ela, conhecem os programas e os canais e possuem um repertório grande de programas prediletos dentro dos mais variados gêneros: do jornalístico ao ficcional, passando por filmes, desenhos animados ou programas esportivos. Este tema lhes diz respeito; ninguém estranhou minha pesquisa e nenhum estudante declarou que não via televisão ou não tinha programas prediletos.

Isto me remeteu à tese de doutorado de Nara Magalhães (2008), onde a antropóloga comenta a sua surpresa com o desenrolar da pesquisa. Ela realizou uma etnografia com pessoas de camadas médias da cidade de Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul. No primeiro contato, a grande maioria de seus entrevistados afirmou que não via quase televisão, desprezando o veículo e seu conteúdo, numa clara perspectiva adorniana dos meios de comunicação de massa. À medida em que avançava em sua etnografia, ia percebendo que, ao contrário do que afirmaram inicialmente, seus entrevistados viam televisão e, mais do que isso, conheciam muito bem o assunto. Tinham opinião sobre programas, horários e conteúdos. A antropóloga passou então a tratá-los como “especialistas” em televisão. E foi percebendo suas visões do veículo.

Em primeiro lugar, o valor simbólico agregado ao aparelho, explicitado pelo lugar em que estava colocado na casa. Em seguida, as formas de ver televisão e os programas mais valorizados em seus discursos. O Jornal Nacional apareceu com destaque. Os jornais são qualificados positivamente, desde que se saiba “assistir conscientemente”, pois é necessário se manter informado. E a grande maioria escolheu o JN para ser assistido junto com a pesquisadora. Para a

antropóloga, o telejornal reunia aspectos contraditórios na visão de mundo de seus entrevistados: era importante porque informava, mas era preciso estar atento em relação à manipulação feita pela televisão. E aquele grupo, pertencente ao universo de camadas médias, se achava preparado para fazer uma leitura crítica da televisão sem ser manipulado por ela, ao contrário do restante da população de baixa renda e semi alfabetizada a qual, segundo o grupo, não tinha condições para tal.

Me deparei com este mesmo tipo de discurso em várias entrevistas com os estudantes universitários. Muitos afirmavam com ênfase que a entrada na universidade tinha transformado não apenas a sua maneira de ver o mundo, mas também a sua maneira de ver televisão e de ver o próprio Jornal Nacional. Sentiam-se menos inocentes, menos ingênuos e muito mais críticos em relação às matérias veiculadas. O depoimento de N., aluna do curso de Serviço Social, ilustra bem essa idéia.

Me dá a impressão de que antes de eu fazer Serviço Social, não sabia da verdade. Não sei se cada curso que você faz sabe de uma verdade. E parece que antes eu não sabia de nada e agora eu sei. E o que é pior, fiquei triste (...) E em relação ao Jornal Nacional, depois que você começa a estudar, você vê que eles escondem as coisas. E se você não estuda, não vai saber. Se você vê o JN a vida inteira, vai achar que o mundo é belo.

Este depoimento é muito rico, a meu ver, por diferentes aspectos. Ele aponta para esta nova visão do noticiário depois da entrada na universidade e dá a essa entrada um “status”, um valor simbólico muito grande. Há uma visão de que a imprensa esconde a realidade e de que é preciso estudar, ser universitário, para desvendá-la.

O significado da entrada dos jovens na universidade é um dos eixos centrais desta pesquisa, e foi sendo construído a partir dos discursos dos meus entrevistados. Para grande parte deste grupo, a vida se divide em antes e depois da entrada na universidade. A entrada na universidade, mais do que um rito de passagem, uma mudança de situação social, implica para muitos em uma transformação na sua visão de mundo e no seu estilo de vida. Isso ocorre de forma mais intensa entre os alunos de Serviço Social e Pedagogia, em menor intensidade com os estudantes de Comunicação Social, sendo ainda menos presente entre os futuros médicos.

À diferença dos alunos de Comunicação Social e Medicina, uma parte dos alunos de Serviço Social e Pedagogia entrevistados estudaram em pré-vestibulares para negros e carentes da própria universidade ou de comunidades pobres, a maioria faz parte de famílias de baixa renda, com pouca escolaridade, com pais que muitas vezes não completaram o curso primário. Estes jovens são, portanto, os primeiros indivíduos de suas respectivas famílias – num sentido mais amplo, incluindo aí tios, avós e primos – a entrar na universidade. E este

fato tem um grande significado social para eles. Para muitas famílias a universidade é um mundo distante, destinado às camadas mais privilegiadas, ao qual eles não têm acesso e, em muitos casos, nem “deveriam” querer ter. É o caso de D., aluna de Pedagogia, filha de pai porteiro e trocador de ônibus e mãe lavadeira, que afirma que embora sua mãe sempre “pegasse no seu pé” em relação ao estudo, cobrando bastante, achava que a “universidade não era para filho de pobre”. Mas mesmo assim, segundo a estudante, a ajudou em diversos momentos.

A sua entrada na faculdade também não foi sem dificuldades. Era um ambiente novo, um mundo muito diferente. E o perfil dos alunos da universidade na qual estuda – particular, de elite e da zona sul do Rio de Janeiro – contrastava demais com a sua realidade social. A diferença financeira é grande e aponta para preocupações distintas. Por outro lado, ela também tinha pouca familiaridade com a bibliografia do curso. Seu depoimento destaca o papel de vários professores que, não só davam as cópias dos textos para os alunos oriundos dos pré-vestibulares para carentes, como procuravam ajudá-los na leitura.

### **Considerações finais**

Estudar a relação dos jovens com a televisão implicou em ver como eles vêem a “telinha”, como se posicionam diante dela, até em termos físicos. A maneira como a encaram e a assistem e o fato de serem uma audiência fluída e dispersa em muitos momentos, diz muito desta relação. E também muito sobre a juventude. Juventude que está sempre em movimento, em busca do novo, tentando, como característica desta fase tão intensa, “fazer tudo ao mesmo tempo agora” como um entrevistado me dizia.

Como refere Bourdieu (1983: 112-121), as divisões entre as idades são arbitrárias – juventude e velhice são identidades construídas socialmente. Há jovens nesta pesquisa, pertencentes às camadas médias altas, que possuem atributos do nobre, nos termos de Bourdieu, por sua proximidade com o poder. E o contrário também ocorre. Há jovens que estudam mas também trabalham e têm condições de vida muito distintas. Não é à toa que o sociólogo afirma que “As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma *ordem* onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar” (Bourdieu, 1983: 112-121). E este trabalho confirma esta idéia ao perceber que as diferenças são grandes, mesmo num grupo relativamente pequeno – 16 estudantes – de uma mesma cidade e com idades muito próximas. Há uma distância geográfica entre eles que aponta para uma distinção de classe, de visão de mundo, de estilo de vida e também de recepção de televisão.

Eu me perguntava no início deste trabalho se os jovens viam de fato o Jornal Nacional e o que eu faria se durante a pesquisa descobrisse que eles não o



assistiam. Apesar de este estudo não ser representativo dos jovens universitários e de ter incidido apenas em jovens que participaram da etnografia de recepção, fui confirmando o quanto o JN é uma referência também para eles, como é fonte de sentimentos os mais variados, que vão do amor ao ódio. Jamais de indiferença. Os meus entrevistados têm uma relação particular com o programa. Alguns comentaram a raiva que sentiam, ou o quanto gostavam dos apresentadores, e elogiavam as matérias ditas positivas. E para “ver melhor” televisão a entrada na universidade é um ponto fundamental. Fundamental porque para muitos estudantes ela irá modificar a sua visão de mundo e do próprio telejornal. É importante salientar também que muitos jovens são os primeiros membros de suas famílias a fazer um curso superior.

Entender o que significa ser universitário para estes jovens foi se tornando um elemento importante na pesquisa. Sabendo que juventude é uma categoria social e como tal variável, ficou evidente o quanto para este grupo o fato de ser universitário está associado à idéia de transitoriedade, entendida como uma etapa de transição. Ela implica na passagem de uma condição social mais dependente para o ingresso na vida adulta.

Ainda que o Jornal Nacional seja uma referência para os entrevistados, sua importância foi muito relativizada em seus discursos. Seja pelos que se mostraram críticos em relação ao seu formato e ao seu conteúdo, seja pelos que valorizaram seu conteúdo. Para todos o JN é uma fonte de informação, mas não a única, nem a mais importante. Ela está sendo cotejada com várias outras, com suas vivências, com informações vindas de outros veículos, da própria universidade e de suas redes de relações pessoais e de parentesco.

Portanto, a maneira como lidam, vivenciam e se relacionam com a televisão e especificamente com o Jornal Nacional tem estreita relação com as suas identidades como jovens estudantes universitários. Ficou nítido que o JN, como parte de um sistema mais amplo de comunicação, pode afetar e influenciar no conjunto de informações e conhecimentos que estes jovens adquirem, assim como seus projetos pessoais. A própria leitura que estes jovens fazem do telejornal aponta para esta oposição: totalização e fragmentação. O mundo moderno aparece na televisão como uma bricolagem, uma soma de pequenos pedaços. E o jornal surge para botar ordem no caos. Não é à toa que alguns comentavam que embora o jornal mostrasse muitas tragédias e notícias negativas, assistir a ele lhes dava uma sensação de tranquilidade.

Essa pesquisa não procurou de maneira nenhuma esgotar o tema e muito menos trazer respostas definitivas sobre a relação da juventude com a televisão. Busquei fugir das generalizações e dos estereótipos em relação aos jovens e ouvir meus 16 entrevistados, procurando compreender seus universos, estilos de vida e visões de mundo. E nesse contexto avaliar qual o lugar que a televisão ocupa em suas vidas e cotidianos.

No Brasil a televisão é uma espécie de ser “onipresente”. Ela está em todos os lugares, em todas as casas. Ela certamente nos une muito mais do que nos diferencia. No entanto, ainda falamos muito pouco sobre ela. Há uma tensão presente entre um conteúdo que é produzido para muitos e a recepção que se dá individualmente. E é neste contexto que a antropologia pode dar a sua contribuição, utilizando a sua bagagem teórica e a sua metodologia específica para pensar seus “nativos”. Através desses estudos aprenderemos não só sobre os produtos, mas sobre as suas relações com a sociedade.

### Referências

- ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo Martoni *Retratos da juventude brasileira*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- ALVES, Yvonne Maggie “A quem devemos servir: impressões sobre a novela das oito”. RJ: 31 p. 1981 (mimeo)
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- MAGALHÃES, Nara. *Eu vi um Brasil na tv* Santa Maria: EdUFSM, 2008.
- MARTIN-BARBERO, Jesus & Rey, German. *Os exercícios de ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*, São Paulo: Senac, 2001.
- MORLEY, David *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996
- PRADO, Rosane. *Mulher de novela, mulher de verdade*. Rio de Janeiro: Museu Nacional-UFRJ, 1987. (dissertação de mestrado).
- SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*, The Hague: Martinus Nijhoff, 1973.
- SILVERSTONE, Roger *Televisión y vida cotidiana*, Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. RJ: Zahar, 1987.